

Tabatinga: a pujança do agronegócio e a maciez da pelúcia

A fundação de Tabatinga está intimamente relacionada à expansão da cultura cafeeira para o oeste paulista, ocorrida a partir de 1850. Os Campos de Araraquara, região onde se situa Tabatinga, foram abertos no século XVIII para a passagem dos bandeirantes que buscavam ouro em Goiás e Mato Grosso. Dos dois grandes núcleos: a Fazenda Santana e a Fazenda São João das Três Barras vieram as terras doadas, que deram origem ao núcleo urbano do município em 1896, então chamado de Jacaré das Três Barras. O nome foi mudado para Tabatinga por existir, à margem do Córrego do Cavalo, uma bela e vistosa casinha branca que chamava a atenção de todos. Tabatinga, em tupi-guarani significa casa branca.

O desenvolvimento econômico no início do século passado, até 1930, se deu por conta da plantação de café e do entroncamento da linha férrea, aonde chegava o gado para ser enviado ao Mato Grosso. Com a mudança da linha férrea para Bauru e com a crise cafeeira a cidade estagnou. Foram quase 50 anos de “sobrevivência”, como contam os mais velhos. O algodão e o milho substituíram o café, mas não trouxeram riqueza. Foi nos anos 80, com o crescimento da citricultura, que Tabatinga encontrou novamente o caminho do desenvolvimento. 1989 e 1990 foram os grandes anos para a cidade, que até hoje tem a laranja como carro-chefe da economia.

A cidade de 12 mil habitantes tem sua arrecadação de impostos concentrada na agropecuária, 85%. É na zona rural, na contramão da tendência, que moram 1/3 dos tabatinguenses.

A laranja e a cana-de-açúcar, no campo, e os bichos de plush e pelúcia,



Igreja Matriz de Tabatinga

na cidade, formam o atual tripé de desenvolvimento de Tabatinga.

Há cerca de 8 anos a família Nanaka foi trabalhar no Japão. Juntos, voltou para a cidade e montou uma fábrica desses bichinhos. A proximidade com Ibitinga, terra do bordado, ajudou na divulgação. Hoje são 22 fábricas e dezenas de serviços terceirizados ajudando a criar a fama de “Capital do Bicho de Pelúcia”. A diversificação trouxe mais empregos, renda e esperança. O comércio con-



tinua tímido. Não existem tantas lojas como se esperava, apenas as de fábrica, mas uma feira já foi oficializada para divulgar a produção local. São 5 anos de feira. Os compradores, antes apenas paulistas, agora vêm de diversos estados. O plano é agregar à fabricação o turismo de negócios. Há um caminho imenso a ser percorrido. A cidade possui apenas um hotel e dois restaurantes.

Enquanto isto o agronegócio local também busca agregação de valor. O café, hoje plantado por poucos produtores, é beneficiado na própria cidade. A laranja também é processada em Tabatinga e vende suco concentrado diretamente às escolas e indústrias. O mel produzido artesanalmente vira cachaça e até vinho, de acordo com a Cati.

O desenvolvimento de Tabatinga já volta a ser sentido. O aterro sanitário foi inaugurado há cinco meses. A estação de tratamento de esgoto fica pronta em meados do ano que vem. A rodoviária está em plena reforma, e a Santa Casa, que foi assumida pelo município, está com a saúde perfeita.

Não há desemprego. As crianças estão na escola. Os programas sociais funcionam e a violência só no noticiário. O clima de cidade pequena, onde todo mundo se conhece, gera histórias engraçadas. No mês de agosto um estranho começou a circular muito pela cidade. Alguns moradores pediram que a polícia averiguasse, e assim foi feito. Era um fugitivo de uma penitenciária no interior de São Paulo. O homem foi preso imediatamente, por conta de um sentimento de unidade que só existe nas cidades pequenas. O espírito de comunidade é o que mais importa. Os tabatinguenses não têm do que reclamar.



Água: preocupação rural e urbana

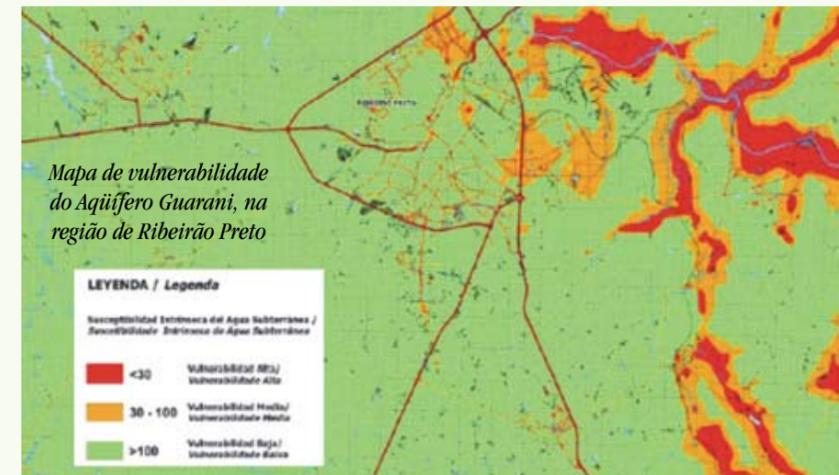


Com o objetivo de garantir a preservação de um dos maiores reservatórios de água subterrânea do mundo e criar modelos de gestão sustentáveis, foi criado há cinco anos o Projeto Aquífero Guarani, que entra agora na reta final. O Aquífero Guarani estende-se por 1.200.000 km², passando por 8 estados brasileiros: São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, alcançando ainda Paraguai, Uruguai e Argentina.

O Projeto, orçado em US\$ 27 milhões, teve o apoio do Fundo para o Meio Ambiente Mundial - GEF, Banco Mundial e Organização dos Estados Americanos - OEA. Foi desenvolvido em quatro Regiões Pilotos: Rivera - Santana do Livramento (fronteira Brasil/Uruguai); Concordia Salto (Argentina); Caagazú, Encarnación e Ciudad del Este (Paraguai); e Ribeirão Preto (Brasil). A região de Ribeirão Preto foi escolhida por apresentar, à época, os mais importantes estudos já realizados sobre o tema.

A formação de um banco de dados foi a prioridade das quatro regiões. Mapas georreferenciados foram disponibilizados. As regiões foram divididas por áreas de sensibilidade e vulnerabilidade.

Na região de Ribeirão Preto foram cadastrados 432 poços. Destes, 90 foram analisados, sendo que em 24 foram feitas análises hidroquímicas, capazes de detectar contaminações. “Em nenhum poço foi encontrada contaminação, nem na zona urbana nem na rural”, afirmou o facilitador regional do Projeto, Mauricio Santos.



Fonte: PSAG

A datação da água por carbono 14 foi outro resultado importante. Na região de Ribeirão Preto, por ser zona de afloramento, onde acontece a recarga, a água é considerada recente. 30 quilômetros adiante, na cidade de Sertãozinho, as águas datam de 5 mil anos, mostrando a baixíssima velocidade com que esta água se movimenta. Outra descoberta interessante foi a existência de área de descarga do Aquífero Guarani. A água captada na região de Ribeirão Preto ajuda a abastecer os rios do Pantanal. Não é uma quantidade passível de mensuração, mas mostra a importância do trabalho de gestão integrada proposto pelo Projeto.

As atividades do grupo internacional terminam em janeiro de 2009, a partir de quando terá início o trabalho mais importante, a gestão local do Aquífero Guarani. Em Ribeirão Preto, por exemplo, onde a água consumida é 100% subterrânea, chegando à marca de 450 litros/habitante/dia, modelos matemáticos apontam para a diminuição drástica no nível da água até 2060. Com alto consumo, devido ao crescimento populacional da região,

que deve passar de 850 mil habitantes para pouco mais de 2 milhões, em 2030, e elevado índice de desperdício, os poços terão vida útil reduzida de 15 a 20 anos para 8 anos.

Segundo Marco Artuzo, Gerente Regional da Cetesb, a gestão tem dois focos fundamentais: as questões quantitativas e as qualitativas. Na quantitativa a preocupação é com as perdas. Segundo ele, esforços devem ser direcionados para a questão da captação, transporte, armazenamento e distribuição desta água. Na qualitativa o monitoramento deve focar o uso e ocupação do solo, seja urbano ou rural.

O Projeto vai fornecer ferramentas de gestão para cada uma das regiões estudadas. Em Ribeirão Preto, o Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio Pardo será o catalisador dessas informações e o disseminador das discussões. “Como o Comitê é tripartite e envolve os governos estaduais, municipais e a sociedade civil, onde a ABAG/RP representa os usuários de água, a participação proporcionará uma gestão técnica e democrática”, afirma seu atual presidente, Genésio Abadio de Paula.



Durante três dias jornalistas e estudantes de jornalismo viajaram pela região de Ribeirão Preto para conhecer melhor o agronegócio. Viram o que acontece antes, dentro e depois das porteiras das fazendas.

Ciclo de Palestras e Visitas - I Prêmio ABAG/RP de Jornalismo

ABAG/RP encerrou, em 23 de outubro, o Ciclo de Palestras e Visitas do I Prêmio ABAG/RP de Jornalismo. Foram três dias de eventos destinados aos jornalistas e estudantes de jornalismo.

No primeiro dia os participantes realizaram visitas técnicas na Santal Equipamentos, uma das três grandes fabricantes de colhedoras de cana-de-açúcar crua do Brasil. A única 100% nacional. Com calma, sem pressa e prazo, o oposto da rotina de um jornalista, eles puderam acompanhar todo o processo industrial, da concepção do projeto ao produto final. Logo depois visitaram a Usina São Francisco e conheceram o maior projeto de agricultura orgânica do mundo.

A palestra do dia aconteceu na Canaeste, Associação dos Plantadores de Cana do Oeste do Estado de São Paulo, em Sertãozinho. O Chefe Geral da Embrapa Monitoramento por Satélite, Evaristo Eduardo de Miranda, falou sobre o “Alcance Territorial da

Legislação Ambiental – Impactos Sobre a Agricultura”.

O estudo realizado pela Embrapa comprova cientificamente a inaplicabilidade da Legislação Ambiental Brasileira, além das discrepâncias territoriais das demarcações das terras indígenas, áreas quilombolas e unidades de conservação.

No segundo evento, o vice-presidente da ABAG Nacional, Luiz Carlos C. Carvalho, fez uma apresentação sobre as “Tendências da Agroenergia”. Jornalistas e colaboradores da Usina da Pedra se deleitaram com a apresentação de estudos recentes na área de agroenergia, e discutiram as tendências para o setor.

Após a palestra a visita pela área industrial da Usina, com destaque para a co-geração de energia elétrica, foi considerada “instrutiva”. Muitos já haviam estado em dependências de usinas, mas pela primeira vez tiveram um especialista só para eles e puderam tirar

todas as dúvidas. Conheceram também o Projeto BioCycle, o plástico biodegradável feito a partir do açúcar.

Naquele mesmo dia o grupo foi recebido na Socicana, Associação dos Fornecedoros de Cana de Guariba, onde tiveram uma verdadeira “aula de economia rural” e conheceram a realidade dos produtores de cana-de-açúcar. Na sequência, uma visita à Coplana, Cooperativa dos Plantadores de Cana da Zona de Guariba, em Jaboticabal, para conhecer a unidade de grãos da cooperativa.

O terceiro evento do Ciclo aconteceu na Carol, Cooperativa dos Agricultores da Região de Orlândia. A palestra: “Agronegócio Brasileiro e as Negociações Internacionais” foi proferida por André Nassar - Diretor Geral do Ícone, Instituto de Estudos do Comércio e Negociações Internacionais; que fez uma análise da atual crise da economia mundial. Outro assunto em evidência: “Agronegócio e Sustentabilidade” foi o tema da pales-

tra de Meire Ferreira – Superintendente do Ares - Instituto para o Agronegócio Responsável. Meire mostrou a preocupação do setor em atuar pró-ativamente na questão.

No período da tarde os jornalistas visitaram as dependências da Carol e conheceram o trabalho desenvolvido pela cooperativa.

O jornalista Luis Adolfo Paleoti, da Revista Alcoolbrás, um especialista no setor sucroalcooleiro, conta que pensou em não se inscrever no Prêmio por causa da obrigatoriedade em participar do Ciclo de Palestras e Visitas, mas ele se organizou e foi aos três eventos. Não se arrependeu. “Foi uma oportunidade para conhecer mais profundamente o setor que eu cubro. Conhecimento nunca é demais, e hoje com as redações cada vez mais dinâmicas, muitas matérias são feitas por telefone e e-mail. Os jornalistas quase nem saem das redações”.

Outra jornalista especializada, Joice

Starke, da EPTV São Carlos (TV Globo), achou que esta união de teoria e prática foi acertada, principalmente devido aos temas escolhidos, atuais e relevantes. Para ela quem ganhará é o público, que terá informações mais precisas; e completou: “Nós sempre queremos pronto-atendimento, respostas rápidas e agora tivemos informações mais aprofundadas. Ampliamos nossa visão sobre o setor”.

José Borges Junior, da TV Bandeirantes, em Ribeirão Preto, lembrou da responsabilidade que o profissional de imprensa precisa ter para cobrir diversos assuntos. “Esta oportunidade de conversar com especialistas enriquece o profissional, independente de estar concorrendo, ou não, a um prêmio”.

Para a estudante Angelita Gonçalves e Silva, do último semestre de jornalismo da Unaerp, a experiência certamente será um diferencial para ela, que está prestes a começar sua carreira. “A oportunidade de conhecer o

agronegócio abriu meus olhos para o setor. Na universidade o agronegócio quase nunca é pauta para as matérias”.

Francisco Ferreira da Silva Junior, aluno do Barão de Mauá, que já havia estagiado em usinas e na Agrishow, tem certeza que o Ciclo poderá abrir muitas portas para ele, seja no jornalismo do interior ou da capital. Da mesma faculdade, Rosilena Aguiar, lembrou que o jornalismo científico está em alta e o agronegócio é ainda muito pouco difundido em sua área.

As inscrições dos trabalhos foram abertas no dia seguinte ao final do Ciclo. Concorrerão matérias publicadas entre 24 de outubro e 28 de novembro de 2008. Os participantes poderão inscrever quantos trabalhos quiserem, abordando qualquer assunto ligado ao agronegócio.

Os jornalistas concorrerão nas modalidades rádio, TV, jornal e revista, e os estudantes concorrerão nas modalidades vídeo e impresso.



Os especialistas convidados pela ABAG/RP abordaram temas atuais e relevantes. Meire Ferreira falou sobre sustentabilidade; Evaristo de Miranda sobre legislação ambiental e agronegócio; Luiz Carlos Carvalho sobre agroenergia; Paulo Rodrigues e Rui Gomes sobre cooperativismo e a visão do produtor rural; André Nassar sobre crise financeira internacional e negociações internacionais; e Sylvio Ortega Filho sobre PHB, o plástico biodegradável feito de açúcar.